



# Em busca de novos públicos

Associação de cientistas visa jovens, profissionais liberais e empresas para ampliar seu alcance social

Quarta e última reportagem sobre os 70 anos da SBPC

**N**os próximos anos, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) pretende ser mais propositiva – e não apenas lidar com problemas urgentes da ciência e da educação – e diversificar seu público para além dos pesquisadores de universidades e centros de pesquisa, atraindo mais jovens, professores, estudantes e profissionais liberais. Outra meta é buscar novas fontes de receita e ter mais autonomia financeira para levar adiante suas ações em defesa da ciência e da educação, realizar as reuniões anuais e regionais, manter a revista *Ciência e Cultura* e o *Jornal da Ciência* e ampliar a atuação nas redes sociais. Hoje, verbas públicas são a principal fonte de recursos da instituição.

Alguns sinais de mudança já são visíveis. Neste ano, em vez de apenas convidar os candidatos a presidente da República para debater seus planos sobre ciência e tecnologia, educação e outros temas, a SBPC, em conjunto com outras instituições acadêmicas, elaborou propostas de políticas públicas para essas áreas – como a construção de um Plano Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação – e as entregou para os presidentes, com o propósito de colaborar em seus programas de governo.

Ao mesmo tempo, blogueiros e profissionais de mídias sociais se tornaram mais assíduos na sede da instituição, no Centro de São Paulo. Com a ajuda dos jovens, a SBPC pretende ampliar os canais de comunicação com o público e aumentar a participação nas redes sociais, hoje restrita a 180 mil seguidores no Twitter e a 30 mil no Facebook. “Nossa comunicação está ainda centrada em pesquisadores e professores do ensino superior”, diz o físico Ildeu de Castro Moreira, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e presidente da associação. “Temos de conquistar outros públicos, em especial os jovens, com conteúdo acessível e de qualidade.”

**A** criação de novas fontes de receita ainda está em estudos. Segundo Moreira, o orçamento era instável até 2008, quando a SBPC e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) passaram a ter uma dotação básica no Orçamento da União, em função de suas atividades como entidades de interesse público e da participação em conselhos e comissões governamentais. Mas, como reflexo dos cortes recentes na área de ciência e tecnologia, o orçamento do governo federal para a SBPC caiu de R\$ 3,3 milhões em 2017 para R\$ 1,9 milhão em 2018.

A SBPC já teve 20 mil associados na década de 1970 e hoje tem por volta de 6 mil. As anuidades variam de R\$ 65, para estudantes de pós-graduação e professores de ensino básico, a R\$ 130, para professores ou pesquisadores de universidades e instituições de pesquisa e outros profissionais. As reuniões anuais são pagas por centros de pesquisa, órgãos de governo e empresas que participam da ExpoT&C, exposição complementar às palestras. A mais recente, em julho deste ano em Maceió, custou R\$ 4 milhões.

Uma das possibilidades cogitadas para diminuir a instabilidade financeira é atrair empresas

para apoiarem a associação. A SBPC aproximou-se de empresas ao longo das discussões iniciadas em 2010 para a elaboração do Marco Legal da Ciência e Tecnologia, aprovado em 2016 e regulamentado em 2018 (ver Pesquisa FAPESP nº 265). “Houve muita convergência sobre as estratégias para diminuir a burocracia e apoiar a inovação no país, mas há também divergências”, diz Moreira. “A CNI [Confederação Nacional da Indústria] era a favor da Emenda Constitucional nº 95, que congela os gastos públicos, inclusive para ciência e tecnologia, e nós contra”, exemplifica.

A ABC está sujeita à mesma oscilação financeira: o orçamento federal para a instituição caiu de R\$ 4,2 milhões em 2017 para R\$ 2,4 milhões em 2018, sem a garantia de que todo o dinheiro será liberado. “O orçamento aprovado para 2018 coloca a ABC em posição muito vulnerável”, comenta Fernando Verissimo, chefe de gabinete da instituição.

A Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), dos Estados Unidos, tem fontes de receita diversificadas. Fundada em 1848, a AAAS reúne cerca de 200 mil sócios; em 2017, recebeu US\$ 9,4 milhões de anuidades, US\$ 55,8 milhões de publicidade de suas seis revistas, entre elas a *Science*, US\$ 22 milhões de financiamentos e programas públicos e US\$ 11 milhões de investimentos, além de doações de cerca de 1.200 pessoas, empresas ou instituições do governo, cujas contribuições variam de US\$ 500 a mais de US\$ 100 mil, de acordo com o relatório financeiro publicado em seu site.

Além de publicações e encontros científicos, a AAAS mantém desde 1973 um programa de bolsas para pesquisadores em instituições governamentais, de modo a participarem da formulação e implantação de políticas públicas. O *Science & Technology Policy Fellowships* já apoiou 250 pesquisadores, dos quais 47% foram contratados pelas instituições ao final do contrato, além de ter permitido aos legisladores “acrescentar valor aos seus trabalhos”, de acordo com um editorial da *Science* de abril de 2018. ■

Artigo científico  
MAXON, M. E. e ALBERTS, B. Science for state legislatures. *Science*, v. 360, n. 6384, p. 9. 6 abr. 2018.

## Em 2017, a AAAS, dos Estados Unidos, recebeu doações de cerca de 1.200 pessoas, empresas ou instituições do governo